

CAPÍTULO VII

O CORPO FEMININO COMO ACONTECIMENTO SOCIAL E HISTÓRICO QUE PRODUZ DIZERES

Loide Andréa Salache

Mestra em Letras

Doutoranda em Desenvolvimento Comunitário

Universidade Estadual do Centro-Oeste -

Unicentro

Luciana Rosar Fornazari Klanovicz

Doutora em História

Universidade Estadual do Centro-Oeste -

Unicentro

Capítulo VII

O corpo feminino como acontecimento social e histórico que produz dizeres¹

Introdução

Em diversos contextos o corpo feminino² produz dizeres e tornou-se um objeto de desejo, sexualidade e exposição. Ao longo dos anos, o corpo feminino se inscreve na construção do pensamento simbólico como acontecimento social e histórico, alvo de inúmeras interpretações e representações, ancorado em diferentes perspectivas da subjetivação e objetificação, que expressam saberes constituídos de corpo e de feminino. Nessa perspectiva, a história do corpo, "não poderia escapar à história dos modelos de gênero e das identidades", (CORBIN; COURTINE, VIGARELLO, 2011, p. 13).

Sendo assim, o corpo humano é o entrelaçamento entre o orgânico e o cultural, materialmente construído e aprofundado pela temática da opressão de gênero, sobretudo na contemporaneidade. Motivo pelo qual, propõe-se com este estudo, "dar voz ao corpo feminino", que espelha e manifesta a condição social, econômica e cultural em que vivem as mulheres.

Nesse sentido, apresentamos apontamentos iniciais da pesquisa de tese em andamento, com o propósito de refletirmos sobre o paradigma que abarca a tríade corpo, corporalidade e corporeidade, como suporte de valores sócio-históricos. No contexto em tela, se faz necessário problematizar à compreensão que demarca, limita e define, o corpo da mulher, para ampliarmos o entendimento de que corpos são (re)imaginados e (re)inventados, a partir da sociedade em que estão inscritos.

¹ Como citar este trabalho: SALACHE, L. A.; KLANOVICZ, L. R. F. O corpo feminino como acontecimento social e histórico que produz dizeres. In: SALACHE, L. A.; ANGNES, J. S. Múltiplos olhares sobre os direitos humanos, a educação e a inovação social para o desenvolvimento comunitário. 1 Ed. Guarapuava/PR: Editora Apprehendere, 2023, p. 130 - 151. ISBN 978-65-88217-53-5. DOI 10.55820/978-65-88217-53-5.7

² O capítulo em tela é uma versão preliminar de uma das unidades que compõem a pesquisa de doutorado, intitulada: "As corporeidades femininas em construção sociocultural e histórica: o boca a boca das dietas no Brasil", apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário, da Universidade Estadual do Centro-Oeste - Unicentro, por Loide Andréa Salache, sob orientação dos professores Dra. Luciana Rosar Fornazari Klanovicz e Dr. Jó Klanovicz.

O que equivale dizermos, à vista disso, que o corpo é esculpido "formando um corpo imaginário", historicamente (re)interpretado, que influencia as mulheres a se tornarem corpólatras na busca do "corpo perfeito e ideal". E aqui surge, nesse emaranhado de atitudes em diferentes sociedades, a figura das dietas, que reconhecidamente são aceitas pelas mulheres, como um fator que possibilita a maleabilidade de/do tecer os corpos, conforme os seus desejos e inventividade.

Considerando a evolução da humanidade, o corpo não é mais matéria exclusiva de estudos, apenas da ciência médica ou da ciência biológica, o que enriquece imensamente e torna profícuas outras análises, como a que propomos neste trabalho. Abordar temáticas de pesquisa que contemplam debates e análises sobre corpo e a sua relação com a "ditadura da beleza", se faz extremamente necessária na Academia, para que discussões sejam empreendidas em torno de como o corpo é concebido, de forma individual e coletiva, atrelado a representações e valores diferentes de uma comunidade para outra.

Por conseguinte, a discursivização das dietas transmitidas "boca a boca", notadamente pelas mulheres, se intensificam como práticas milagrosas para a aquisição do corpo perfeito, impresso e imposto pela sociedade contemporânea. Logo, o corpo feminino é elegido e contextualizado na pesquisa em tela, porque ele representa os significados instaurados e os valores atribuídos, à medida que as mulheres tentam ajustar seus corpos a modelos externos, inseridos em preceitos dominantes da sociedade consumista, na qual vivemos, que faz e desfaz regras, para instaurar padrões³ de beleza massificados do que seria um corpo esteticamente belo.

Em vista disso, sinalizamos que as dietas se inserem nessa pesquisa,

³ Mariana Xavier: a atriz já foi atacada na internet por uma pessoa que desejou que ela morresse simplesmente por conta do peso dela. Felizmente Mariana não deixa se abater por comentários gordofóbicos e é um dos ícones da militância pela quebra de padrões. Ela adora mostrar suas curvas em suas redes sociais. → Jojo Todynho: Jojo também sempre é alvo de críticas por conta do seu peso. Até na televisão ela já sofreu gordofobia. Por exemplo, no quadro "A hora da venenosa", na Record, o comentarista Ricardo Lombardi disse que ele só incluiria Jojo em um "termômetro" de beleza só depois que ela fosse para uma academia emagrecer. Contudo, Jojo continua firme e forte e sem vergonha de mostrar suas curvas. Além de incentivar várias pessoas a também se aceitarem como são. → Thais Carla: A ex-bailarina de Anitta sofre gordofobia não somente em suas redes sociais, como também nas ruas. Certa vez, a Thais contou, com lágrimas nos olhos, que as pessoas estavam a parando na rua para criticar o seu peso. Mas Thais não se deixou abater e se tornou um exemplo para outras mulheres. A bailarina mostra com orgulho suas curvas e incentiva suas seguidoras a também aceitarem seus corpos (Por Bruno Dias, publicado em 01/07/2021, "Fatos desconhecidos", matéria online). Disponível em: <https://www.fatosdesconhecidos.com.br/7-famosas-que-foram-vitimas-de-gordofobia/>. Acesso: 21 jan. 2023.

como o pressuposto para se atingir o corpo perfeito, condição desejante, que possibilita moldar os corpos de acordo com as demandas culturais, e nesse entremeio as mulheres são as mais afetadas por essa imposição social de aquisição de um "padrão de beleza corporal". Salieta Foucault (2003, p. 80), nesse sentido, que "o controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo", e perpassa por conceitos e pontos de vista que estão atados ao desenvolvimento da sociedade.

Como requisitos para a obtenção do corpo ideal⁴, conceituado pela indústria da beleza, temos no século XXI a presença marcante das mídias sociais e a partir delas, se intensifica a discursivização para aquisição do "corpo perfeito", e entre as formas para se alcançar esse objetivo, o fazer dietas e os "regimes milagrosos", passam a pertencer o dia a dia das pessoas que desejam atingir o "corpo belo", em especial, as mulheres.

Agora, a "subordinação, diga-se, pior do que a que se sofria antes, pois diferentemente do passado, quando quem mandava era o marido, hoje o algoz não tem rosto, é a mídia. São os cartazes da rua. O bombardeio de imagens na televisão", (PRIORE, 2000, p. 15), que nos fazem buscar determinados atributos para nos encaixarmos no padrão de beleza imposto mídia, como por exemplo, peso ideal, cor dos olhos e dos cabelos, tamanho dos seios, do glúteo e muito mais.

Citando os anos 50, rememoramos que a beleza feminina estava nas curvas naturais que toda mulher possuía, não precisando as mulheres buscarem

⁴ Preta Gil já enfrentou muito preconceito e muita pressão por conta do seu peso. A cantora diz que até dentro de casa precisou ter paciência para driblar os julgamentos. "Consegui reeducar meu próprio pai [o cantor e compositor Gilberto Gil]. Ele era uma espécie de balança da família. Sempre fazia algum comentário do tipo: 'Está mais magra', 'Está mais gorda'. E esse tipo de comentário abala nossa saúde emocional. Ele viu o quanto eu fui atacada e apedrejada e, hoje, não toca mais nesse assunto comigo", afirmou, em entrevista ao jornal "O Globo" neste sábado (15/02/2020). Preta lembra que sofreu para alcançar o inatingível "corpo ideal". "Fiz três lipos, tomei remédio para emagrecer, fiquei com voz de taquara rachada e extremamente infeliz. E outra coisa: ninguém parou de me chamar de gorda. Em 2007, com 20 quilos a menos do que tenho hoje, fui madrinha de bateria da Mangueira e fui, de novo, apedrejada por não estar no 'padrão'", contou. (Redação Vida e Estilo, publicado em 15 de fevereiro de 2020). Disponível em: [132](https://br.vida-estilo.yahoo.com/preta-gil-lembra-comentarios-corpo-160554170.html?guccounter=1&guce_referrer=aHR0cHM6Ly93d3cuZ29vZ2x1LmNvbS8&guce_referrer_sig=AQAAAFtNvUz5zoOkEPP2xvR-53yMrkALp_zvETQCq_VkH7xLVXT0gXZwscRpykSnHmJ1uRJP-upFG8IZrbEAJJ1eLkp1_C9ubFKAwQ_3lhrp3OUswjeRfskI94Rk5_PKktgr9SpMGGeZqBOMwxdkFQHsmVvYEvZplwcuOOrNAWcOfngY#:~:text=Vida%20e%20Estilo-,Preta%20Gil%20lembra%20coment%20C3%A1rios%20sobre%20o%20corpo,Consegui%20reeducar%20meu%20pr%C3%B3prio%20pai%22&text=Bem%2Dresolvida%20e%20autoconfiante%2C%20Preta.paci%C3%Aancia%20para%20driblar%20os%20julgamentos. Acesso: 20 jan.2023.</p>
</div>
<div data-bbox=)

o corpo "esquelético". Entretanto, nos dias de hoje, ter o corpo "cheinho"⁵, com as suas imperfeições naturais, tornam as mulheres "não belas", e na maioria das vezes, inicia-se uma busca incessante pelo "corpo perfeito", e assim as mulheres passam a ter o corpo invadido por imposições sociais que o tornam objetificado. Diante disso, podemos interpretar que "o corpo pode garantir uma afirmação social", (CAETANO, 2006, p. 214).

Assim, o objetivo norteador deste estudo é pesquisar e compreender, como a relação corpo e busca pela beleza, recaem entre fatores e práticas sociais que estabelecem à percepção e a representação das corporeidades femininas, para discutir a trajetória da construção do papel social do corpo feminino, ancorado nas identidades, memórias e subjetividades, que inserem o corpo como objeto e fonte para produção de sentidos, em que o fazer a dieta, vem sendo ressignificado na sociedade e torna-se um meio para exaltação do corpo ideal e da aparência, que alia beleza e felicidade à magreza.

Deste modo, a busca pelo corpo perfeito desvela as vivências, trajetórias e experiências, principalmente, relacionadas às mulheres, quanto a percepção da autoimagem corporal, "formando um corpo imaginário", desejo de modificação, atributo de alteridade, buscando entendê-las numa totalidade concreta. Assim, se estabelece um recorte temporal a partir da década de cinquenta até a contemporaneidade, para averiguar a existência de uma padronização e normatização do corpo feminino como forma de opressão sobre as mulheres, ou seja, uma reafirmação das configurações de gênero, imbricadas em processos sociais historicamente variáveis.

⁵ Demi Lovato critica manchete que falava de seu "corpo cheinho": "Eu sou mais do que meu peso". Nesta sexta-feira (29), a cantora usou suas redes sociais para tecer críticas a um artigo sobre ela, que trazia como manchete o seu "corpo cheinho". "Eu sou mais do que meu peso", rebateu. Através de seu Instagram Stories, Demi postou uma série de mensagens sobre essa questão, criticando a abordagem feita. "Estou brava pelas pessoas acharem que é ok escrever manchetes sobre o tamanho dos corpos das pessoas. Especialmente sobre uma mulher que tem sido completamente transparente sobre estar se recuperando de distúrbios alimentares", escreveu. Ela também deixou claro que se preocupa com a influência dessas palavras na mente das pessoas, que podem se sentir muito mal com isso. "Ao contrário do passado, não sinto um gatilho. [...] Não estou chateada por mim, mas por qualquer um que é facilmente influenciado pela cultura da dieta. Muitas pessoas hoje em dia baseiam seus corpos ideais no que outros dizem que devemos aparentar, ou pesar", explicou Demi. Em seguida, a cantora comentou que esse tipo de conteúdo pode ser "tóxico", aconselhando seus seguidores a não dar ouvidos a essa cultura. "Artigos como esse apenas contribuem para uma maneira tóxica de se pensar. Se você está lendo isso: Não ouça a cultura da dieta falar. Você é mais que um número em uma escala", disse ela. Por fim, ela concluiu sua mensagem refutando a chamada da matéria: "Eu sou mais do que uma manchete sobre meu corpo". (Uol, por Gabriel Bastos - Publicado em 29/03/2019, às 16h54min.). Disponível em: <https://hugogloss.uol.com.br/famosos/demi-lovato-critica-manchete-que-falava-de-seu-corpo-cheinho-eu-sou-mais-do-que-meu-peso/>. Acesso: 20 jan. 2023.

Assim, expandir o escopo da pesquisa para averiguar essas situacionalidades supracitadas, se faz necessário na atual conjuntura social, para compreendermos quais são as experiências vividas por mulheres que realizam intervenções e procedimentos para alterar o corpo, reforçando o imaginário social de um corpo feminino ideal, com um padrão de beleza imposto socialmente, que o torna objetificado, o qual é construído historicamente.

Outrossim, vale ressaltar ainda, que as mulheres são imbuídas do desejo de possuir o "corpo perfeito", significativamente imposto pela mídia, a qual determina estratégias a serem desenvolvidas com o objetivo de alcançar um corpo idealizado, atribuído, notadamente, por uma "sociedade regulada pelo olhar exterior, conferindo os padrões culturalmente impostos", (SILVA; GOMES, 2008, p. 203).

É fato que o corpo é produtor e portador de significados (Lambronicc, 2002). Nesse sentido, ouvir mulheres na faixa etária de 18 a 70 anos (e neste contexto, residentes no município de Guarapuava/PR), constitui-se como uma possibilidade de averiguarmos se o ato de fazer dietas, se insere como um meio utilizado pelo gênero feminino para moldar o corpo, tornando-o objetificado⁶ e se essas interferências no corpo, isto é, na corporeidade, deixam marcas visíveis e invisíveis nas mulheres, como alterações na saúde física, saúde reprodutiva e sexual, e saúde mental. Partimos da premissa, que a mulher para lidar com o corpo contemporâneo, se submete a alterá-lo, na tentativa de deixar a «invisibilidade social», e assim, se cria no imaginário feminino uma reorganização emocional, a qual deveria (pelo menos é o que se espera), intensificar o aumento da autoestima da mulher.

Portanto, analisar aspectos históricos e culturais da trajetória da construção do papel social do corpo feminino é de suma importância para

⁶ Adele fala sobre perda de peso: "Meu corpo foi objetificado". A cantora Adele em entrevista à apresentadora Oprah Winfrey no especial Adele One Night Only, exibido neste domingo (14/11/2021), nos Estados Unidos. "Não estou chocada ou mesmo perturbada [pela reação das pessoas com o emagrecimento], porque meu corpo foi objetificado ao longo de toda a minha carreira", disse. Ela acrescentou que sempre fez parte do movimento body positive [corpo positivo, em inglês], que busca estimular a aceitação de todos os tipos de corpo, independentemente de suas características, mas que não encara essa pauta como uma obrigação dela. "Eu era body positive na época e sou body positive agora, mas não é meu trabalho validar como as pessoas se sentem sobre seu corpo. Estou tentando resolver minha própria vida", afirmou. Publicado em BEM ESTAR/Do R7, em 15/11/2021 – 13h47min. (Atualizado em 15/11/2021 – às 14h09min.). Disponível em: <https://lifestyle.r7.com/bem-estar/adele-fala-sobre-perda-de-peso-meu-corpo-foi-objetificado-15112021>. Acesso: 20 jan. 2023.

compreendermos os motivos que dão sustentação às representações sociais, envolvendo simbolizações inerentes do processo relacional "corpo feminino e padrão ideal de beleza corporal", que operam configurações do sentir, pensar, agir, imaginar, desejar e reagir da mulher, evidenciando práticas sociais da beleza, que tornam-se pilares fundamentais para a construção do corpo no mundo contemporâneo.

Os efeitos de sentidos e as significações atribuídas ao corpo feminino como acontecimento social e histórico

Os estudos e as análises sobre o corpo na perspectiva de objeto e fonte, tornaram-se mais efetivos nas ciências sociais e humanas, a partir do século XX. O pensamento do século XXI, principalmente sobre as corporeidades femininas, insere a temática "corpo e dietas", experienciadas ideologicamente pelo gênero, determinando que o corpo da mulher deve ser detentor de uma "beleza perfeita", conforme as regras impostas pela sociedade, "na lógica capitalista de consumo, que cultua uma valorização exacerbada do corpo feminino como objeto", (LIMA; BATISTA; JÚNIOR, 2013).

Atualmente, vivenciamos a exaltação do corpo e da aparência. E nessa imperiosa adequação corporal, no processo chamado "civilização", que tem "suas mentiras, seus limites, suas inconsistências, o corpo quando submetido a um certo tipo de regulação é submetido a um resto, um mal-estar superegóico", [...]. Isto posto, as "mulheres através da identificação a um outro corpo", aquele dito da "outra mulher", (LAURENT, 2021, p. 4-9), se submetem a práticas diversas para alcançar a imagem considerada bela, imposta e padronizada socialmente.

A partir desse contexto, a moda das dietas e da indústria da beleza, destacam-se, e surge a cada dia um novo produto e novas tecnologias de alteração corporal para serem consumidas, bem como, dietas que prometem "inovar o corpo". E a "respeito disso, crer não é uma função simbólica, é uma função real, um acontecimento de corpo. Isso toca o ponto fundamental sobre todo o desenvolvimento simbólico", (LAURENT, 2021, p. 4-9).

Nesse cenário de construção do imaginário feminino, na tentativa de transformar o corpo para a aceitabilidade social, as mulheres empreendem ações desde a realização de dietas restritivas a procedimentos cirúrgicos, como a lipoaspiração, o implante de silicone nos seios, a correção das pálpebras, a

abdominoplastia, entre outros, atrelados aos procedimentos estéticos, os mais famosos são a inserção de toxina botulínica, a harmonização facial, a drenagem linfática e os tratamentos para a celulite. Esse ato de "travestir-se", de parecer "outra mulher", exteriormente, leva "muitas vezes a mulher a ser impelida por um imperativo de modificar o corpo, e ela recorre a métodos de remodelamento. São desde procedimentos superficiais aos mais invasivos, como as cirurgias plásticas e implantes", (LIMA; BATISTA; JÚNIOR, 2013).

Assim, as mulheres alteram a "pureza dos corpos", moldando-os, para alcançar a imagem considerada bela e nessa contextualização, o corpo se insere como expressão cultural e não como prática de cuidado. Esse cenário de intervenções cirúrgicas e valorização exacerbada de corpo perfeito padronizado, remonta uma realidade de perfeição corporal inexistente, de um corpo objetificado, ou seja:

O corpo feminino passou a ter caráter de objeto de consumo, e como tal, indústrias especializadas passaram a produzir produtos corporais, cosméticos, remédios para emagrecimento, aparelhos de ginástica, moda e intervenções cirúrgicas. Tudo para manter o corpo saudável, jovem e belo, apto a ser devorado simbolicamente como objeto de gozo no laço social capitalista. [...] Como essa montagem não passa de ilusão, essa mulher, muitas vezes, ao se deparar com sua condição faltosa depara-se com o Real, que aparece inscrito no corpo como trauma. Lembremos o caso da modelo eleita Miss Brasil em 2001, cujo título foi questionado quando veio a público que seu corpo fora submetido a uma longa série de cirurgias plásticas, revelando-se como uma produção, uma beleza talhada com bisturis e modelada em silicone em vez de ser expressão da "beleza natural feminina" (LIMA; BATISTA; JÚNIOR, 2013, s/p.).

Por conseguinte, à medida que a passagem do tempo estrutura a história da humanidade, os estudos relacionados a corporeidade feminina, designam, reconhecem e utilizam o corpo como instrumento relacional com o mundo. Logo, os estudos que contextualizam o corpo, principalmente da mulher, delimitam várias pistas e problemáticas de pesquisa que o abordam, tanto em sua materialidade (corpo fisiológico, corpo sexual, corpo sensual, corpo erotizado), quanto através dos seus diversos imaginários, corpo midiático, o corpo objeto, o corpo simbólico, o corpo e seus efeitos de sentido, o corpo como significação social, o corpo e gênero, entre outras abordagens.

Em vista disso, este estudo analisa os movimentos de sentidos operados pelo acontecimento enunciativo da cultura de transformação corporal feminina, que se constitui como elemento de uma prática social, ou seja, de natureza histórico-social. Nesses termos, o corpo aparece como "o observatório privilegiado de um contexto social particular que lhe cerca da esfera privada à esfera pública", como destaca David Le Breton (1992), ao afirmar que o corpo serve de "catalisador de sentidos, de eixo central de observações". Assim, o autor ressalta que o corpo no discurso científico contemporâneo, é tomado como simples suporte da pessoa, há um "adeus ao corpo", algo que:

[...] pode e deve ser aprimorado, uma matéria-prima na qual se dilui a identidade pessoal. Para passar do corpo rascunho ao corpo acessório, para não naufragar num sistema cada vez mais ativo e exigente, as pessoas entregam-se a uma manipulação de si a base de próteses. A tecnociência vem socorrer esse corpo que deve ser reparado, rearranjado: assistência médica à procriação, exames terríveis que acompanham a existência pré-natal, enfim, instaura-se a suspeita do corpo, e a medicina, fazendo a triagem, torna-se um biopoder. Enquanto alguns biólogos sonham em livrar a mulher da gestação, a sexualidade cibernética realiza o imaginário do desaparecimento do corpo e até do outro. Assim, para alguns, o corpo não está mais à altura das capacidades exigidas na era da informação: convém moldá-lo, forjando um corpo biônico no qual seria enxertado um disquete que contivesse o espírito. O "Adeus ao corpo" desnuda essa vontade implícita do Ocidente de transformar esse corpo rascunho (LE BRETON, 2013, s/p).

Destarte, para Simone de Beauvoir (1949; 2009), a situação da mulher está fixada sobre o olhar do outro, em que esse "outro", na maioria das vezes é uma pessoa do gênero masculino. Dessa forma, a autora busca compreender e questionar a situação da mulher enquanto "outro corpo", objeto de uma sociedade que destina para ela, a sua "formação corpórea", desde a infância, construída pelo olhar do outro, do homem, que toma como pontos referenciais de beleza a ideia de corpo de "mulher", conforme o seu objeto de desejos, a partir da sua moral existencialista", (BEAUVOIR, 2009, p. 30).

Esse imaginário nos conduz a compreendermos "o corpo situado, conforme a experiência do existente que está nesse corpo, que é esse corpo", (BEAUVOIR, 2009, p.65), logo, há uma relação fundamental entre corpo, sua

significação e sociedade, tendo em vista que, "enquanto corpo simbólico, corpo de um sujeito, ele é produzido em um processo que é um processo de significação", (ORLANDI, 2012, p. 85), sendo portanto, historicamente (re)interpretado. Assim, buscamos investigar o corpo feminino como acontecimento social e histórico que produz dizeres, pois, "o corpo significa em um espaço simbólico que lhe é destinado", (ORLANDI, 2004, p. 125). E podemos complementar segundo Orlandi:

O corpo já vem ideologicamente significado, ou seja, na imagem que fazemos de um corpo ocidental ou oriental, ou como pobre ou rico, como homem, mulher ou homossexual etc. Sentidos já dados. Estabelecidos e estabilizados. Ou seja, que os modos de produção da vida material condicionam o conjunto dos processos da vida social e política (Orlandi, 2012, p. 93).

Em relação ao dizeres, conforme Orlandi (2012), o corpo do sujeito está atado ao corpo social e seu sentido se faz presente na história. Assim, o corpo está consequentemente atravessado por uma memória. E deste modo, o corpo feminino foi ao longo do tempo, deslocado, atribuído de sentidos, que o modela e o constitui. Neste viés, nasce a representação de uma "nova mulher", a partir de uma ideia já materializada no imaginário social que determina como os corpos precisam ser, "dentro e fora de casa", no público e no privado, significando e sinalizando uma multiplicidade de sentidos, num movimento imposto pela sociedade do consumo, da mídia, que rompem a "pureza dos corpos", criando um corpo tomado de uma materialidade que surge no/do imaginário social, à medida que se estabiliza um padrão de beleza corporal inventado pela lógica capitalista, que torna as mulheres reféns do consumismo estético para atingir o "corpo perfeito".

Segundo Michelle Perrot em "Minha História das Mulheres", o corpo masculino e feminino ganha diferentes abordagens de estudo, conforme a história humana se constrói com o passar do tempo. Mister frisar que o corpo é abordado no seu caráter social e histórico e assim, a imagem corporal é constituída da percepção que uma pessoa tem do seu próprio corpo e que se inter-relacionada com os pensamentos e os sentimentos que resultam desta percepção. Para a autora, o corpo não deve ser tratado simplesmente como objeto, mas como "o corpo na história, em confronto com as mudanças do tempo, pois o corpo tem uma história, física, estética, política, ideal e material,

da qual os historiadores foram tomando consciência progressivamente", (PERROT, 2007, p. 41).

Assim, o corpo é um lugar de produção de sentidos. A maneira como a pessoa se vê, quando se olha no espelho, estabelece de certa forma, a sua própria percepção corporal e passa a definir, a forma como acreditamos que os outros nos veem. Logo, a imagem corporal é a representação mental que cada indivíduo faz de seu próprio corpo, que pode também ser conhecida, como consciência corpórea. Assim, ter "um corpo perfeito hoje", reflete as considerações sociais de padronização da beleza corporal pertencente a uma determinada sociedade.

Um dos precursores nas pesquisas e estudos em imagem corporal foi Paul Schilder (1994), definindo o corpo como uma "entidade em constante autoconstrução e autodestruição, em constante mudança, crescimento e desenvolvimento". E enfatiza que faz parte dessa "construção processos conscientes e inconscientes, não sendo apenas uma construção cognitiva". Neste sentido, podemos dizer que o corpo também é construído a partir da relação do ser humano com a alteridade, que contextualizados em uma perspectiva de construção da identidade feminina, condicionam a satisfação com a sua autoimagem corporal.

Como ideário de um padrão social, a imagem corporal torna-se, portanto, um complexo fenômeno humano, embasada em aspectos cognitivos, afetivos, sociais, culturais e motores, sendo também sensual ou sedutora e esses fatores contextualizam-se num ato de autoafirmação ou negação de identidade corporal da mulher, que evidencia a "forma como a pessoa acredita ser sua própria aparência, incluindo memórias, suposições e generalizações, como se sente em relação ao seu corpo, considerando a sua altura, forma e peso, até como controla o seu corpo, enquanto se move socialmente (PALAZZO, 2022). Nesse contexto, o corpo feminino como materialidade está preso aos aspetos ideológicos daquela sociedade que à mulher está.

Importante destacar que torna-se evidente nessa situacionalidade, que a preocupação com a imagem corporal está inserida na história da humanidade e a percepção de corpo das pessoas, incide na (in)satisfação com a própria autoimagem. Podemos compreender em vista disso, que a busca pelo possível corpo ideal perpassa o tempo. Por isso, é fundamental discorrer sobre o corpo feminino e o culto ao belo, a partir de várias perspectivas históricas, no entendimento de que a busca por um corpo perfeito, está inserida em um

determinado padrão de beleza que faz parte da cultura de diferentes sociedades. Essa percepção nos conduzirá a visualizarmos que o padrão de beleza se modificou até os dias de hoje e que cada época social, estabelece critérios para definir o que é considerado belo, principalmente, no que se refere ao corpo da mulher.

Na Grécia Antiga manter o corpo esbelto, era a finalidade dos gregos que desejavam publicizá-lo nos jogos olímpicos, pois, "cada cidadão era livre de atingir o corpo perfeito, idealizado e, depois, expô-lo", (BARBOSA, 2011, p. 25). Em contrapartida, o corpo da mulher era utilizado para gerar a vida. Ademais, os cuidados com o corpo na Grécia Antiga estavam relacionados com a espiritualidade, sendo que as práticas de dietas eram utilizadas para manter o caráter "sagrado do corpo", sem cometer excessos:

Na Grécia, o corpo era extremamente valorizado e o culto a ele era prática cotidiana. O corpo neste período era valorizado por ser atlético, saudável e fértil. A educação de jovens tinha como destaque, as práticas corporais em Esparta, na busca por um corpo saudável e forte. Já em Atenas, predominava a ideia do corpo belo. Nas outras partes da Grécia, toda atividade de culto ao corpo, visava os Jogos Olímpicos. Sócrates, Platão, Descartes são exemplos de filósofos que tentavam compreender o corpo de alguma forma. Desde a Grécia Antiga, o corpo é encarado como um santuário. Os Jogos Olímpicos representavam essa visão, com toda a beleza de corpos atléticos e vigorosos. Ficava clara a concepção de que um corpo bonito e saudável era sinônimo de beleza e virilidade (FARHAT, 2008, p. 5-7).

Na Idade Média, conforme Barbosa (2011), manter o corpo perfeito, significava a renúncia de pecados. Portanto, as dietas eram praticadas para a superação dos consumos materiais, carnis e dos atos pecaminosos, muitas vezes de cunho sexual. Nesse período "pensava-se que as mulheres e os seus corpos eram usados pelo demônio, como tentação aos homens para roubar suas almas, não há um padrão referencial para um corpo perfeito e sim, o uso do corpo feminino para a sexualidade, em meio a realização de excessos de banquetes pelo homem medieval". A questão do corpo não era colocada individualmente na Idade Média, uma vez que os "homens viviam numa comunidade hierarquizada, parte de uma grande coletividade: a Igreja" (DUARTE, 2010, p. 535).

Na antiguidade para Platão, o corpo era visto como subordinado à mente. Já na Idade Média, segundo Carvalho (2004), o posicionamento da igreja católica associou o corpo a ideia de pecado e este, foi reprimido e negado. Assim, os corpos considerados belos e atraentes nessa época, eram aqueles provenientes do acúmulo de gordura corporal, pois:

Na Idade Média, corpos bonitos eram aqueles que, esteticamente falando, não pareciam tão atraentes assim. Ser gordo nessa época representava saúde. Para as mulheres, ser gorda significava ser uma boa reprodutora e mãe de filhos saudáveis. Além disso, a Igreja exercia forte influência nessa época, chegando até a extinguir os Jogos Olímpicos. Qualquer culto ao corpo era estritamente proibido (FARHAT, 2008, p. 5).

É a partir da modernidade, que o conceito de corpo passou a ser visto sobre os aspectos estéticos, abrindo espaço para o que chamamos hoje de ditadura da beleza, impondo modelos sociais de/para corpos, que forçam as pessoas, principalmente, as mulheres, a se inserirem dentro de um determinado padrão de beleza que se torna modelo a ser seguido (CARVALHO, 2004). Constata-se, portanto, que as preocupações relacionadas ao corpo são uma construção cultural e não algo somente natural, na perspectiva biológica. O que nos faz afirmar, que o corpo é o resultado do fator biológico e cultural, logo que, "sofre influência e modificações constantes, tendo em vista, as determinações do meio social no qual está inserido", (CAETANO, 2006, p. 215).

O corpo na Era Moderna, segundo Berger (2006), passa por cuidados relacionados a sua manutenção, com rígidas disciplinas que determinavam o que se devia comer e vestir, atribuindo-lhe, por meio da ginástica, um caráter de corpo belo exercitado. Diante desse cenário, a "Modernidade foi um movimento que rompeu com o pensamento medieval, com o teocentrismo e com a Igreja", (DUARTE, 2010, p. 534), e deu início a uma nova configuração interpretativa sobre a beleza dos corpos e como as pessoas deveriam lidar com essas corporeidades. Todavia, entra em cena a obsessão pelo corpo perfeito fruto da sociedade do consumo da beleza. E desde o século XVII, essa busca exacerbada pelo corpo belo, avança progressivamente, até o século XXI. Observa-se, portanto que:

Por volta do século XVII, começaram a surgir as ideias de

consumo, aliadas as formas de produção do sistema capitalista. Com isso, conceitos de beleza, ancorada pela necessidade de consumo criada pelas novas tecnologias e homogeneizada pela lógica da produção, foi responsável por uma diminuição significativa na quantidade e na qualidade das vivências corporais do homem contemporâneo (BARBOSA, 2011, p. 28).

Assim, a concepção de corpo contemporânea é exageradamente deturpada e os corpos tornaram-se produtos, sobretudo os corpos das mulheres, que são inescrupulosamente "vendidos", pela mídia. O que faz com que o corpo da mulher seja acometido às normas socioculturais. Para Sant'Anna (1995), a prática corporal está impregnada pelo sistema relacional e, é a era da ciência, do progresso e do consumo, que conjecturaram o corpo como instrumento para o estabelecimento das relações sociais, principalmente, o feminino, sobressaindo a obsessão pela aparência, pela forma perfeita corporal e pela juventude eterna, almejada destacadamente, pelas mulheres. E assim:

A mídia é uma das responsáveis pela vivência, atualmente, da revolução do corpo onde valores como beleza, saúde, higiene, lazer, alimentação e atividades físicas têm orientado um conjunto de comportamentos, ora bons, ora ruins na sociedade, imprimindo um novo estilo de vida e beleza, mais livre, narcísico e hedonista do corpo. O corpo de hoje encontra-se em grande metamorfose. Não se trata mais de aceitar o corpo da forma que ele é, mas sim de corrigi-lo e reconstruí-lo. A mídia apresenta o corpo como um objeto a ser reconstruído, seja em seus contornos ou em seus gêneros (FARHAT, 2008, p. 26).

Nesse contexto, na atualidade, o corpo passou a ser construído pelo referencial imposto pela mídia. E assim, podemos constatar que a concepção de corpo da sociedade contemporânea é puramente artificial. O que se vê hoje, são "corpos construídos, seja pela mídia ou por cirurgias plásticas". Porém, sabe-se que "o corpo sempre foi o mesmo, do ponto de vista anatômico e biológico". Mas o que dizer da subjetividade dele, "da forma com que as pessoas veem os corpos delas, de como os vestem e os modelam com cirurgias ou com exercícios", (FARHAT, 2008, p. 5-7), o que nos remete ao entendimento de que os corpos passam por diferentes modificações, até que o "belo corporal seja alcançado". Entretanto, essa situacionalidade pode causar prejuízos à mulher, quando há um culto exagerado ao corpo:

São muitos os prejuízos que uma mulher está sujeita quando não aceita o próprio corpo, até porque na verdade está em uma guerra interna consigo mesmo, com o corpo que carrega. Apresentam características de perfeccionismo, radicalismo, sujeitando-se a dietas rígidas que levam a uma série de problemas, como compulsão, bulimia, anorexia e ortorexia. Colocam metas difíceis de serem alcançadas e/ou mantidas, sujeitando-se a um sofrimento intenso. Além de afetar a saúde, afeta as relações com as pessoas próximas, como, por exemplo, mulheres que se esquivam da relação sexual por estarem com uma dobrinha na lateral da cintura. Não se permitem a entrar no mar ou na piscina quando estão em uma festa, sempre se privando do prazer em função de não estarem satisfeitas com seus corpos (KOTAKA, 2016, s/p.).

Posto isto, ao longo da história essa busca pela beleza corporal reflete a necessidade da afirmação da autoestima feminina pelo corpo. E tendo em vista o imaginário da mulher para se atingir o corpo perfeito, as dietas são utilizadas para modelar o corpo, de maneira que a "perfeição corporal imaginada", seja atingida. Logo que, a visibilidade que o corpo toma no mundo contemporâneo, o insere como um corpo sempre em construção para se manter corpo belo, magro e jovem. É nesse cenário que as dietas se inserem como estratégias a serem desenvolvidas, para se alcançar um corpo imaginado e idealizado:

[...] Destaca-se a dieta, combinada com a atividade física, que conformam os pilares fundamentais para esta construção do corpo (não desconsiderando, evidentemente, o crescente papel das cirurgias plásticas, como também do uso de cosméticos e medicamentos). Tais estratégias são fortemente consubstanciadas por um aparato técnico-científico, o que marca significativamente as formas de lidar com o corpo contemporâneo (SANTOS, 2008, p. 460).

Entretanto, a moda das dietas, não se trata de algo novo. A correlação entre beleza corporal e dieta, surge na tessitura do livro sobre dieta popular, escrito nos anos de 1800, intitulado a "Carta sobre a Corpulência", Endereçada ao Público (Letter on Corpulence, Addressed to the Public), de William Banting, em 1863. Este livro foi elaborado pelo agente funerário inglês, que com 66 anos e 1,65 m, pesando 91,6 Kg, almejava angustiantemente, a aquisição corporal magra. E assim, se submeteu a um processo de dieta para

perder peso e na época, o seu nome virou sinônimo de dieta nos Estados Unidos, dando origem ao verbo "to bant".

Nessa busca pelo corpo perfeito, as dietas estão ligadas a eficácia para se atingir o objeto de desejo, o corpo ideal. Porém, é necessário ressaltar que essa concepção pode estar fundamentada em um ato ilusoriamente formado, apenas no imaginário da mulher, a qual associa "o estar magra", com a felicidade e com o ter sucesso na vida. Outrossim, "a existência de rígidos modelos corporais, a associação entre magreza e felicidade, nasce da necessidade de aceitação social da mulher", (BERGER, 2006, p. 250). E assim, o universo das dietas ganha força social como uma estratégia capaz de moldar os corpos. Nessa reflexão, nota-se que:

A "dieta" estava presente nas mais variadas temáticas e propósitos que iam desde as tradicionais – dieta da lua, dieta das proteínas –, oferta de produtos para o emagrecimento – refeições prontas, medicamentos, aparelhos esportivos, receitas light, informações sobre patologias e sua relação com dieta; como também [...] sites que fornecem programas de emagrecimento, considerados os mais populares, a saber: CyberDiet, Emagrecendo, Perca Gordura, Sempre em Forma, Good Light e Dieta Diet (SANTOS, 2010, p. 461).

Em face do exposto, as dietas alimentares, cirurgias plásticas, programas de exercícios físicos, ganham espaço para se alcançar o "corpo certo", e muitas vezes este corpo é imposto pela mídia, à mulher. Destarte, na contemporaneidade, o corpo é modelado de diferentes maneiras, através de diferentes recursos e não mais aceito com ele é. Portanto, este estudo é extremamente importante para compreendermos quais são as representações do "corpo hoje", e se essa busca pela beleza corporal padronizada produz efeitos deletérios no corpo real da mulher, tendo em vista, que ela o "modifica, o sacrifica e o corrói", na tentativa de atingir o "corpo perfeito, o corpo ideal". E esse contexto nos remete a fazermos uma abordagem exploratória que reconheça a complexidade do fenômeno em questão.

Para tanto, intenciona-se fazer um estudo mais detalhado sobre as corporeidades femininas em construção sociocultural e histórica, a partir da década de 50 até a contemporaneidade, visando compreender as intersecções entre a "moda das dietas" e sua reprodução discursiva enunciada ao longo do tempo, para entendermos o contexto da percepção da imagem corporal

formulada entre as mulheres, na faixa etária de 18 a 70 anos, averiguando se o fazer dieta, constituiu-se como uma "moldagem" do corpo, que reforça ou não, a existência de padrões de beleza, institucionaliza culturalmente e historicamente.

Como instrumento de coleta de dados, o método de pesquisa elegido é a técnica do grupo focal, a qual permitirá que as mulheres participantes da pesquisa sejam favorecidas pela liberdade de expressão, logo que, "há interesse não somente no que as pessoas pensam e expressam, mas também em como elas pensam e por que pensam",

(GATTI, 2005, p. 9), pois, a unidade de análise dos dados, está concentrada nas respostas que serão coletadas no contexto do próprio grupo.

O que se busca analisar por meio da técnica de grupo focal são os sentidos produzidos a partir do discurso sobre o corpo feminino ideal e as exigências sociais vigentes, que impulsionam as mulheres a adequar seus corpos, a um padrão determinado padrão de beleza, impostos socialmente, na tentativa de averiguarmos quais são os fatores que reforçam e/ou influenciam uma valorização exacerbada do "corpo perfeito". Sendo que:

No grupo focal, não se busca o consenso e sim a pluralidade de ideias. Assim, a ênfase está na interação dentro do grupo, baseada em tópicos oferecidos pelo pesquisador, que assume o papel de moderador. O principal interesse é que seja recriado, desse modo, um contexto ou ambiente social onde o indivíduo pode interagir com os demais, defendendo, revendo, ratificando suas próprias opiniões ou influenciando as opiniões dos demais. Essa abordagem possibilita também ao pesquisador aprofundar sua compreensão das respostas obtidas (GUI, 2003, p. 4).

Essa investigação nos permitirá tecer considerações, se há uma individualidade forjada pela exterioridade ou pela coletividade construída, que remete a um sentimento de (in)satisfação e (in)suficiência em relação ao corpo feminino, formulado no imaginário da mulher, corporificado ao longo da história humana, determinando ou não, a constituição das aparências corporais, para compreendermos como a percepção da autoimagem corporal feminina se constrói.

Diante dessa premissa, o debate teórico proposto, atrelado a pesquisa empreendida pelo grupo focal, nos remete a desvelar aspectos que estão relacionados aos significados e aos efeitos de sentidos simbólicos do corpo ao

longo da história humana, no que tange a constituição das aparências corporais e as consequências da busca incessante pelo corpo ideal.

Isso nos conduzirá a analisarmos quais são as condições históricas, sociais e ideológicas imbricadas, que permitem a enunciação de determinado discurso, produzido pela mulher, para justificar as alterações realizadas em seu corpo, em prol da conquista "corporal perfeita", contribuindo para processos de formação de condutas multifacetadas que expressam as representações individuais e sociais, para se alcançar a imagem considerada bela, endossando a mulher e notadamente o corpo feminino como um objeto de desejo, de intriga e desvio.

Considerações finais

Com o intuito de tecer reflexões sobre a temática corpo, constituído em uma posição sócio-histórica, a partir da memória ressignificada pela aquisição de um "corpo perfeito", obtido através da realização de dietas, buscamos neste trabalho, evidenciar as formas pelas quais o corpo, designadamente, o feminino, tem sido representado na sociedade e como essa situacionalidade produz dizeres que movem as mulheres na luta contra certos imaginários socialmente estigmatizados, tendo em vista um padrão de beleza imposto no âmbito social.

Para tanto, torna-se necessário averiguar nesse contexto, o papel da memória discursiva, da historicidade e da concepção de corpo que as mulheres atribuem para si, logo que, o corpo não escapa às normativas sociais e está imerso na/pela representação simbólica de valores atributos pela prática corporal, impregnada pelo sistema relacional.

Os resultados esperados do ponto de vista do desenvolvimento da pesquisa, está em compreendermos como o corpo da mulher, um corpo modificado, impregnado de sensações e manuseios, reflete a corporeidade feminina, em interface entre o social e o individual, a natureza e a cultura, o psicológico e o simbólico, na tentativa de entendermos a trajetória de constituição do corpo da mulher, imbuído de (re)significados, especialmente nos dias de hoje, tendo em vista, que a padronização da beleza, torna a concepção de corpo puramente artificial.

Pretendemos demonstrar com a análise empreendida, via pesquisa realizada por meio dos grupos focais, que o corpo feminino desvela saberes,

valores, costumes e padrões de beleza, que (re)significam a autoimagem corporal feminina que perdura socialmente, e que reflete a ordem de uma (im)possível, (re)construção do corpo da mulher, artefato da presença feminina na sociedade, implicado em uma encenação de si, que alimenta uma vontade de se reapropriar de sua existência, de criar uma identidade provisória mais favorável. O corpo é então "submetido ao design às vezes radical que nada deixa inculto", (LE BETRON, 2003, p. 22).

Desse modo, vislumbramos um novo olhar sobre o corpo e a corporeidade feminina, para (re)pensar as aspirações das mulheres sobre a autoimagem corporal "perfeita", desmistificando estigmas, estereótipos, valores e atitudes, que determinam como deve ser o corpo feminino hoje, o que leva a mulher a entrar em um estado de angústia e de baixa autoestima.

Isto posto, o desenvolvimento dessa pesquisa, abrirá nossos espaços de reflexão e formação de conhecimento científico sobre a temática em tela, tanto na Academia como para a sociedade em geral, no que coincide com a visibilidade do corpo feminino, pois o desafio, agora, é reconstruir uma nova visão de corpo biográfico da mulher não mais como objeto, uma zona passiva, em que a mulher se submete a reproduzir o corpo modelado pela indústria do consumo da corpolatria estética, que estimula e reforça a cultura do culto ao corpo na sociedade contemporânea, mas sim, uma mulher empoderada e protagonista da sua própria história, que não se deixa levar por estereótipos e padrões estéticos relacionados ao corpo.

Referências

AZEVEDO, A. A. A resignificação do corpo pela educação física escolar, face ao estereótipo construído na contemporaneidade. 2007. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/1083/1683>. Acesso em: 15 abr. 2022.

BACKES. D. S; COLOMÉ. J; ERDMANN, R. H. Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/artigos/grupo_focal_como_tecnica_coleta_analise_dados_pesquisa_qualitativa.pdf. Acesso em: 11 abr. 2022.

BARBOSA, M. R. MATOS, P. M. COSTA, M. E. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. Universidade do Porto, Porto, Portugal, 2011. Psicologia & Sociedade. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v23n1/a04v23n1.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2022.

BARROS, D. D; BANKOFF, A, D, P.; SCHMIDT, A. Imagem corporal da mulher: a busca de um corpo ideal. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd87/mulher.htm>. Acesso em: 11 abr. 2022.

BEAUVOIR, S. Por uma moral da ambiguidade. Trad. Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

_____. O Segundo Sexo. Trad. Sérgio Milliet. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BERGER, M. Corpo e identidade feminina. Tese de doutorado, USP, São Paulo, 2006, 312 p. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-22112007-150343/publico/TESE_MIRELA_BERGER.pdf. Acesso em: 15 abr. 2022.

BOMFIM, L. A. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/gGZ7wXtGXqDHNC/Hv7gm3srw/?lang=pt>. Acesso em: 11 abr. 2022.

CAETANO, G. J. Influência da mídia sobre o corpo do adolescente. 2ª. ed.: Curitiba: SEED-PR, 2006.

CARVALHO, Y. M. Corpo e história: o corpo para os gregos, pelos gregos, na Grécia antiga. In: SOARES, Carmen Lúcia (Org.). Corpo e história. Campinas: Autores Associados, 2ª. ed. 2004.

DUARTE, B. N. Corpo da modernidade: Lugar da condenação e da salvação do indivíduo. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/BarbaraArt.pdf>. Acesso em: 11 abril. 2022.

FARHAT, D. G. K. M. As diferentes concepções de corpo ao longo da história e nos dias atuais e a influência da mídia nos modelos de corpo de hoje. 2008. 30 f. Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Educação física) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/118970>. Acesso em: 11 abr. 2022.

FREIRE, I. M.; DANTAS, M. H. A. Educação e corporeidade: um novo olhar sobre o corpo. HOLOS, Ano 28, v. 4, 2012. Disponível em: <file:///C:/Users/usuario/Downloads/cousteau,+Artigo+HOLOS+-+12.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2022.

FLORENTINO, J; FLORENTINO, F. R. A. Corpo objeto: um olhar das ciências sociais sobre o corpo na contemporaneidade. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd113/o-corpo-na-contemporaneidade.htm>. Acesso em: 14 abr. 2022.

- FOUCAULT, M. O nascimento da medicina social. In. FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 18ª. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003, p. 79-98.
- González R.; F. L. (2002). *Pesquisa Qualitativa em Psicologia – Caminhos e Desafios*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- GONÇALVES, A. S.; GATTI, B. A. *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas*. Brasília: Líber Livro, 2005.
- GUI, R. T. Grupo focal em pesquisa qualitativa aplicada: intersubjetividade e construção de sentido. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*. Versão Online, ISSN1984-6657. Rev. Psicol., Organ. Trab. v.3, n.1. Florianópolis, jun. 2003. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpot/v3n1/v3n1a07.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2022.
- KOTACA, L. A mulher e a difícil relação com o corpo. Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/blogs/luciana-kotaka/a-mulher-e-a-dificil-relacao-com-o-corpo/>. Acesso em: 14 abr. 2022.
- LE BRETON, D. *La sociologie du corps. A sociologia do corpo*. Paris: Presses Universitaires de France, 1992.
- _____. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. Trad. Mariana Appenzeller. 6ª. ed. Campinas-SP: Papirus, 2013.
- LIMA, A. F.; FERREIRA, I.; BATISTA, K. A. A ideologia do corpo feminino perfeito: questões com o real. Disponível em: . Acesso em: 11 abr. 2022.
- MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EDU/EDUSP, 1974. v. 2.
- MELLO, L. M. B. Como informar as características dos participantes do estudo em um trabalho de pesquisa? 2020. Disponível em: . Acesso em: 15 abr. 2022.
- MITTANCK, V. A. As mulheres de 1950: seu comportamento e suas atitudes. Transformações, conexões e deslocamentos. Disponível em: http://www.enwwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499470616_ARQUIVO_A SMULHERESDE1950seucomportamentoesuasatitudes.pdf. Acesso em: 11 abr. 2022.
- MORGAN, D. L. *Focus group as qualitative research* London: Sage, 1997.
- OLIVA, J. O Outro a partir da corporeidade: a importância do corpo na situação da mulher em *O Segundo Sexo* de Simone de Beauvoir. *Sapere Aude*, Belo Horizonte, v. 5-n. 9, p. 267 – 286. 1º sem. 2014. ISSN: 2177-6342. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/7559/6665>. Acesso em: 23 abr. 2022.
- NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. *Pedagogia da cultura corporal: crítica e alternativas*. 2ª ed. São Paulo: Phorte, 2008.

ORLANDI, E. P. Discurso em análise: sujeito, sentido e ideologia. 2.^a. ed. Campinas, SP: Pontes, 2012.

_____. Análise de Discurso: princípios e procedimentos. 6.^a. ed. Campinas: Pontes, 2005.

_____. Cidade dos sentidos. Campinas: Pontes, 2004.

ONU. Organização das Nações Unidas. Onu-Mulheres. Disponível em: <https://www.onumulheres.org.br/>. Acesso: 11 abr. 2022.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.). Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução a obra de Michel Pêcheux. 3.^a. ed. Campinas: UNICAMP, 1997.

PERROT, M. Minha história das mulheres. Tradução Angela M. S. Correia. São Paulo: Contexto, 2007.

PRIORE, M. D. Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil. São Paulo: Senac, 2000.

SANT'ANNA, D. B. (Org.). Políticas do corpo: elementos para uma história das práticas corporais. Tradução Mariluce Moura. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. 190 p.

SANTOS, O. O corpo como objeto e fonte para produção de sentidos. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/QyJdSLkC5QbD7MvpYrxQ3JD/?lang=pt>. Acesso em: 11 abr. 2022.

SANTOS, L. A. S. Da dieta à reeducação alimentar: algumas notas sobre o comer contemporâneo a partir dos programas de emagrecimento na Internet. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 20 [2]: 459-474, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/Xg3F HmLr9YKnpCxx-63h9xfk/?lang=pt&format=pdf>. Acesso: 20 jan. 2023.

SANTOS, V. S.; MEZZAROBIA, C. A percepção da imagem corporal: algumas representações de corpo na juventude. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/QyJdSLkC5QbD7MvpYrxQ3JD/?lang=pt>. Acesso em: 11 abr. 2022.

SAUNDERS, M.; TOWNSEND, K. Choosing participants. In: CASSELL, C; CUNLIFFE, A.; GRANDY, G. *The SAGE Handbook of Qualitative Business and Management Research Methods: History and Traditions*. Londres: SAGE Publications Ltd, 2019. p. 480-492.

SEVERO, T. P.; FONSECA, A. D.; GOMES, V. L. O. Grupo focal como técnica de coleta de dados na pesquisa. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/reme.org.br/pdf/v11n3a14.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2022.

SCHILDER, P. A. Imagem do Corpo: as energias construtivas da psique. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

SILVA, L. M. F.; PORPINO K. O. Os sentidos da beleza: discutindo as aparências do corpo na Educação Física. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd144/as-aparencias-do-corpo-na-educacao-fisica.htm>. Acesso em: 11 abr. 2022.

SILVA, R. F.; JÚNIOR, R. V.; MILLER, J.; Imagem corporal na perspectiva de Paul Schilder. Contribuições para trabalhos corporais nas áreas de educação física, dança e pedagogia. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd68/schilder.htm>. Acesso em: 14 abr. 2022.

SOUZA, L M. A.; SANCHES, R. D. O corpo do/no discurso midiático das dietas: efeitos do novo e da novidade DOI: . ISSN: 1415-0549 e-ISSN: 1980-3729. Disponível em: <file:///C:/Users/usuario/Downloads/27408-Texto%20do%20artigo-121423-1-10-20171201.pdf>. Acesso: 12 abr. 2022.

VEIGA, L.; GONDIM, S. M. G. A utilização de métodos qualitativos na ciência política e no marketing político. 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-62762001000100001>. Acesso em: 12 abr. 2022.

UNICENTRO. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário – PPGDC. Disponível em: <https://www2.unicentro.br/ppgdc/area-de-concentracao/>. Acesso em: 11 abr. 2022.

_____. Linhas de Pesquisa. Disponível em: Acesso em: 11 abr. 2022.

WDOWIK, M. A longa e estranha história das dietas da moda para emagrecer. 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/14/ciencia/1510658654_171692.html. Acesso em: 15 abr. 2022.